

O Artista “Multindisciplinar”!

The Multi Indisciplinary Artist!

MARCO PAULO ROLLA¹

Universidade do Estado de Minas Gerais - Escola Guignard, Belo Horizonte - MG, Brasil

RESUMO

Este artigo se fundamenta na premissa de que a arte é uma manifestação da experiência que infunde vitalidade à vida. O autor, Marco Paulo Rolla, introduz o conceito de "artista Multindisciplinar" como forma de caracterizar uma abordagem artística que ultrapassa as limitações das disciplinas convencionais, permitindo a fluida integração de diversos saberes. Ao adotar essa perspectiva, Rolla enfatiza a superação de barreiras conceituais e a expansão do campo artístico para além das fronteiras disciplinares. O artista "Multindisciplinar" é capaz de explorar diversas vertentes artísticas, gerando uma fecundidade intelectual que enriquece sua criatividade e habilita-o a criar obras que transcendem as normas acadêmicas. Nesta abordagem, a experiência e a vitalidade emergem como elementos centrais da expressão artística, promovendo um profundo diálogo entre distintos campos de conhecimento. O resultado são obras que transcendem as convenções acadêmicas e contribuem para redefinir o papel do artista na sociedade contemporânea. Esta visão desafia a rigidez das tradições artísticas, fomentando um espaço propício para o intercâmbio de ideias entre diferentes áreas. A concepção de artista "Multindisciplinar" ressoa com uma revalorização da experiência e propicia uma reconfiguração da criação artística no contexto atual.

PALAVRAS-CHAVE

Arte, Artista Multindisciplinar, Experiência, Vitalidade, Ressignificação.

ABSTRACT

This article is based on the premise that art is a manifestation of experience that infuses vitality into life. The author, Marco Paulo Rolla, introduces the concept of the "Multidisciplinary Artist" as a way to characterize an artistic approach that surpasses the limitations of conventional disciplines, allowing for the seamless integration of diverse knowledge. By adopting this perspective, Rolla emphasizes the overcoming of conceptual barriers and the expansion of the artistic field beyond disciplinary boundaries. The "Multidisciplinary Artist" is capable of exploring various artistic facets, generating intellectual fertility that enriches their creativity and enables them to create works that transcend academic norms. In this approach, experience and vitality emerge as central elements of artistic expression, fostering a profound dialogue across different fields of knowledge. The result is works that go beyond academic conventions and contribute to redefining the role of the artist in contemporary society. This vision challenges the rigidity of artistic traditions, fostering a conducive space for the exchange of ideas among different areas. The concept of the "Multidisciplinary Artist" resonates with a reevaluation of experience and facilitates a reconfiguration of artistic creation in the current context.

KEYWORDS

Art, Multidisciplinary Artist, Experience, Vitality, Redefinition

¹ Artista multidisciplinar. Mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais e professor da Universidade do Estado de Minas Gerais - Escola Guignard.

A Experiência é o que vitaliza a vida e como a arte é consequência, traz na experiência sua porção mais potente.

No século 20, principalmente em seus primórdios, foram detonados quase todos os experimentos radicais que hoje conhecemos, mas apesar disto, na década de 80 no Brasil, ainda se valorizava o artista especialista, que se aprofundava ou se “aprisionava” em um mecanismo purista, higiênico, aceito e compreendido pelo sistema vigente, mas quando este artista ousava transgredir a si mesmo era julgado como se fosse um traidor leviano ou mantido na invisibilidade por não ser codificado como tal. Foi nesta época que comecei minha caminhada, quando ingressei na carreira de artista plástico, pois à época eu era exatamente o oposto do especialista, já me aventurava com um estudo em improviso na dança, pintava, fazia cenários e figurinos, música clássica e contemporânea, etc... e mediava a quem deveria mostrar isto ou aquilo para não criar pré-conceitos sobre o que fazia. Continuando minhas experiências múltiplas, mas de forma subdividida, pois no início de 2000, ainda ouvi de uma curadora, que uma das hipóteses de meu trabalho não estar sendo muito considerado no momento era por eu estar sempre envolvido com o teatro e com a dança. Mesmo assim me mantive fiel ao impulso e vontade de ser livre nas fronteiras, o que hoje se tornou quase uma característica primordial da nova geração de jovens artistas que surgem. Constato isto com admiração e alegria pois me reconheço como um dos que resistiu e viraram impulsionadores das ramificações que culminaram na transformação destas gerações e da possibilidade de hoje ser comum não se manter especialista, o que possibilita ser experimental.

Desde o princípio de minha prática artística, na metade dos anos 80, quando acreditava ser somente músico, não me continha em tocar somente os instrumentos tradicionais, fazia música experimental e assim comecei a associar a música com a imagem plástica, a dança, o cinema, a literatura e o teatro. Influenciado pelas práticas experimentais dos Dadaístas e pelos inúmeros movimentos transgressores dos meios realizados em outros momentos radicais na história, de todas as artes, que se seguiram até o que hoje chamamos de contemporâneo. Curioso para explorar este não formato de minha pulsão artística, segui observando e praticando experimentos, o que construiu o caráter “Multidisciplinar” de minha operação criadora. Está pulsão trasmídia faz parte

da experiência fundamental iniciada em meu desejo e atração por todos os campos da arte. Toda expressão era uma ferramenta para explorar e ser fonte de aprendizado e renovação. Quando percebi que não poderia reprimir este meu pulso natural de pesquisa, e que era exatamente isto que me tornava potente, assumi que nunca iria racionalizar a arte ao ponto de não permitir me surpreender e me libertar de meus maneirismos. A arte anseia por experiências que aconteçam no âmbito do saber espontâneo, advindo de outras inúmeras experiências. O racional vai ser usado, mas em forte elo com a consciência que a experiência se constrói da necessidade de nos aventurarmos no que o nosso conhecimento precisa se aprimorar, renovar ou até mesmo negar ou liberar. O ser humano se alimenta, na arte, da evolução do Sentir e se o artista não levar, a si e ao outro, a um lugar ainda não explorado, emocional e materialmente, fica mais difícil atingir seu envolvimento e compreensão da arte além da estética.

Nos últimos anos venho usando a palavra “Multidisciplinar” para definir minha prática livre de arestas e formatações. Desejo poder ser livre dos modelos vigentes e assim poder conseguir me libertar de meus próprios formatos. Explorar o tradicional e os novos meios como pólos que constituem nosso complexo humano.

A disciplina é uma parte da construção humana importantíssima de se conquistar com leveza. Construída no ser humano com muita autoconsciência, o que se conquista no fazer! A disciplina foi infelizmente corrompida e capturada por um discurso militarizado da sociedade pós ditadura, onde as escolas tinham Moral e Cívica como matéria. Em minha prática como docente da Escola Guignard UEMG, fiquei um dia incomodado com o fato de estar dando uma “disciplina” na universidade e fui notar que tinha matérias no ensino do primeiro grau. Desde então, em meu discurso didático digo que eu não dou disciplina, mas que temos que construir, cada um, nossa disciplina. Gosto de pensar nosso ensino como Matéria, acho mais produtivo e fértil. Aberto à experiência e ao campo do inconsciente onde, lúdico, racional, automático, ancestral, social, traumático e simbólico se decantam e podem transgredir nossa consciência. A arte é consciência na Matéria do inconsciente. E para isto precisamos disciplina de si.

Quando cunho a palavra “Multidisciplinar” quero libertar o conceito da palavra Multidisciplinar de si mesma, de virar um clichê. Sinto que o Indisciplinar

também pode significar a disciplina para si. Ter disciplina para manter-se livre de suas próprias formas maneiristas, o que pode agigantar as possibilidades vitais da criatividade, e como consequência, da Arte. A disciplina denominando a especificidade de cada saber e fazer artístico é sectário e mantém um elo com o pensamento onde o cruzamento de áreas entre si e dentro do imaginário do artista é bloqueado. A tendência do ser humano “civilizado” é manter as pessoas organizadas e classificadas. Por isto quando um Ser pode ser muito mais do que uma caixinha vai assustar. A princípio, o “Indisciplinar” pode soar sem controle para certos olhares, mas cada vez mais entendemos que quando a criação de uma artista é sinceramente expressada este (in), vai se tornar a internalização da disciplina de estar conectado com a essência de uma existência.

Cada artista descobre em si uma maneira de estar na corrente criadora, descobrindo cotidianos ou ordens para detonar o fluxo de processos. Alguns vão se mantendo, a vida toda, em uma técnica ou tema, outros tendo mais desejo de outros materiais ou sendo literalmente inquietos quanto às buscas de novos aprendizados e fazeres expressivos. Há o perigo de perda do fio condutor da pesquisa quando este artista ainda não tem um amadurecimento e principalmente quando está tentando acertar o que o mercado quer ver para agradar. Acredito, pela experiência de meu processo criativo, que minha determinação, auto submissão e meu “inconsciente inteligente”², mantém a ligação entre todos estes experimentos. Se o artista se entrega no desejo de fala e expressão, deixando que o inconsciente tenha muito espaço neste processo, este mergulho vai trazer muitas ideias correlacionais, pois todos saem do mesmo inconsciente. Mesmo que não haja uma ligação clara entre alguns processos, com o tempo as coisas começaram a dizer a que vieram e como se juntaram em um cerebelo, mas para que isto se materialize é preciso liberar o não conhecido na disciplina da consciência e da busca cotidiana. A Arte é uma constante investigação para encontrar o ainda não revelado, pois a experiência só é possível se deixarmos que o “não saber” seja matéria fundamental para expandir

² “inconsciente inteligente” é uma denominação pessoal para dizer sobre a inteligência biológica de nosso corpo universal onde muitas camadas, que não podem ser imediatamente acessadas, e que se não liberarmos ou nos conscientizarmos delas, não amadurecemos no Ser e no Estar. Ele nos proporciona aceitar o não revelado como a verdadeira consciência do Ser a ser expressada e assim renova nossa percepção da vida e do Ser humano.

o que pensamos saber. Como descobrir uma nova expressão em si sem tentar novos processos em lugares ainda não explorados? Esta é uma das características do fazer artístico que mais me estimula e faz acreditar que a arte tem a função de desmontar a ideia do exato e exaltar a transmutação das matérias (ideias ou substâncias) nos preparando para a verdadeira condição da vida em inconstância perene. Esta propriedade vai nos mostrar a potência desta transformação dentro de cada pessoa a quem a arte toca.

Desde que me descobri indisciplinar, estou tentando conquistar mais autodisciplina. Aos 5 anos ingressei em uma aula de piano o que me ensinou que quando repetimos e persistimos, algo acontece e o corpo obedece e aprende a ouvir, dar ênfase e dar expressão ao toque. Este aprendizado, na minha formação enquanto indivíduo foi fundamental para conseguir me colocar no centro da criação, só depende de nossa intensidade e compromisso com o que estamos fazendo, vivendo e nos submetendo na entrega. Desde sempre sinto atração por todo tipo de expressividade do ser humano e quero experimentar aquele potencial, desafiar minhas percepções e assim acredito estar alimentando e regenerando o meu sentir, colocando ele sempre no presente, pois quando temos a coragem de ir onde não sabemos o sentido da presença primária, de estar no tempo da consciência de tudo, acontece naturalmente. Este sentido de alerta pelo o que está ao redor ainda é mais acentuado quando já em meus estudos de música dos 13 aos 21, encontro o improviso da música contemporânea, a necessidade vital transmitida na percepção e uso do momento exato da ação para fazer soar o instrumento e interferir na música. Depois fui para a dança experimentar o espaço físico e imaginativo do corpo também focado na improvisação, enriquecendo e me dando muita escuta afiada das energias que atravessam o tempo no presente de um improviso na arte. O improviso, ao contrário do que se pensa, não é feito do desconhecido, mas sim do que se reconhece na construção de uma constante atenção no que se apresenta e no da reação ao que se revela, criando e concretizando o todo. Concomitantemente, ingressei na universidade de artes plásticas para explorar minhas habilidades manuais que sempre foram muito latentes. E no exercício e aprendizado de tudo isto simultaneamente foi surgindo em meu “inconsciente inteligente” compartimentos onde estas artes poderiam se unir. Fora que

literalmente, já exercitava a transgressão dos meios durante os 8 anos de prática no grupo de improvisação cênico-vocal que fiz parte anos 80: cia Estupefato.

Nos estudos de música, tomei conhecimento sobre a obra de John Cage e nas artes plásticas a obra de Marcel Duchamp, dois pilares do sentimento de liberdade com a expressão e com a experiência. Suas percepções da vida são claras e nos é oferecida cruamente como conceito e arte. Cage nos abriu os ouvidos ao Silêncio, onde sempre há o som do agora, onde se permite ouvir os sons que permeiam a suspensão do som como música. O que antes era compreendido e percebido como vazio, hoje é de uso consciente fundamental em todas as artes. Ele já não se contentava com o experimento puramente musical e se juntou a Merce Cunningham (coreógrafo/bailarino) e Robert Rauschenberg (artista plástico multidisciplinar) para formar um trio de criação transdisciplinar nos anos 50 do século XX. Na mesma energia surpreendente Marcel Duchamp nos apresenta o conceito de Ready Made que vai muito de encontro com a prática da percepção do presente e das noções, olhares ou pontos de vistas de um objeto quando deslocado de sua função original e levado a uma função emocional/racional quando ganha um título e é destituído de seu cotidiano para ser Arte. Aqui o artista ganha a possibilidade de poder transformar um objeto sem alterar sua matéria visível, mas transtornando sua matéria efêmera, mudando nosso olhar e pensamento sobre o objeto. Só esta ação vai unir, vida, design, gênero, arquitetura, arte e etc... até hoje vem sendo expandida e abriu uma vastidão criativa. Nem por isto o artista deixou de produzir obras como pinturas, desenhos, sons, filmes e inclusive defendeu o não fazer como parte de seu processo inventivo. Mas muitas vezes este não fazer é mitificado como desprezo ao fazer, quando na verdade ele vai nos alertar para ter mais tempo na atenção ao que fazer, a hora de agir, o tempo como matéria, nos redirecionando à consciência e ao potencial da experiência.

A obra de arte não emprega meios puramente materiais para chegar a um fim puramente ideal. Na experiência estética, o material é o lócus do ideal, encarnando em si significados e valores. É isso que faz de um material um "veículo": o fato de os meios serem incorporados no resultado. "Todos os casos em que os meios e fins são externos uns aos outros são anestésicos", afirma Dewey. "Talvez essa externalidade até possa ser vista como uma definição do inestético".

Na arte, os meios e os fins se interpenetram tão intimamente que mal são distinguíveis entre si. Quando o sentido e o valor de um ato são manifestos tanto no agir quanto em seu resultado, nós o chamamos,

com justa razão, de um “belo” ato, e, quando ele é recorrente, de expressão de um belo “caráter”. (DEWEY, 2010)

A matéria, a memória e o sensorial de cada prática são enriquecidos no processo “Multidisciplinar”. Observo em meu exercício criativo, que as matérias expressivas podem ser muito potencializadas quando usadas em algo que sua materialidade compõe com o assunto. Sinto e uso a potência da matéria para atingir diferentes sentidos do olhar e da presença no espaço. Articular a relação entre obras que pertencem ao mesmo conceito, mas não seguem uma regra da repetição para se ligar somente na forma. Compor uma exposição onde vários meios se completam, vai também provocar diferentes entradas perceptivas. Estas experiências da percepção não são de agora, quando pensamos na igreja barroca, temos instalação, escultura, pintura, música, arquitetura e o etéreo e imaterial mesclando tudo isto. As colunas torças são representadas musicalmente por Bach em suas composições, uma forma espiralada de compor a melodia e o fluxo do ritmo.

O modernismo, o Expressionismo abstrato e a sociedade artística e em geral, por um bom tempo, foram criando o mito da pureza do gesto...a coerência como repetição perpétua. No livro “O fim da história da arte”, Hans Belting diz sobre um momento onde ocorre a ruptura da disciplina, no sentido somente regrador, dos meios e nos tornamos estes seres “Indisciplinados”:

No conceito “história da arte” está contida tanto a história real da arte como a disciplina que escreve essa história. “O fim da história da arte” não significa para a disciplina o fim do seu tema, mas um possível fim de um conceito único e fixo de acontecimento artístico. O título, que alude conscientemente a uma dupla compreensão, pretende chamar atenção para a situação atual dos artistas, que não se movem mais por um caminho retilíneo do desenvolvimento histórico, e simultaneamente dirigem o olhar para uma ciência da arte que não reconhece um modelo obrigatório para a apresentação do seu objeto. O assunto a seguir é a conexão entre a experiência artística atual e a pesquisa científica da arte. (BELTING, 2012)

Enquanto exploro o tempo da pintura, camadas sucessivas e decisões gestuais, posso estar começando a planejar uma escultura em bronze e planejando uma performance. Entre tudo posso praticar meu instrumento, fazer aulas de corpo, dar aulas de arte, criando e executando projetos de pesquisa na universidade, tudo dentro da verdadeira coerência de ser artista. Mantendo os

canais e percepções em pleno exercício. O corpo, por exemplo, uso para tudo, mas principalmente, quando quero performar ou dançar, tenho que ter um corpo ativado e com força expressiva e condicional para tal. A música me move desde sempre, logo vai ser parte de obras, e é fundamental para o despertar onírico e expansivo. A pintura é como uma meditação no tempo, uma escrita de toques e gestos que se acumulam neste tempo. Esculpir pedra ou fundir bronze é uma sensação de estar provocando algo nas matérias primordiais da vida aqui neste planeta. Enumero estes processos para dizer como cada elemento expressivo e material se condensa naturalmente em minha pessoa. Não é uma tentativa de provar o virtuosismo manual ou intelectual, mas deixar a vida levar os acontecimentos, os desejos expressivos e assim as matérias se apresentam naturalmente. Cada material vai me atrair por sua qualidade estética, por sua ancestralidade no fazer e na história e é muito importante considerar o caráter de memória afetiva das imagens e materiais. Considero que cada material vai afetar, corporalmente, o observador através destas memórias. Então imagina o espelhamento entre o artista e o público quando o material e o corpo?

Outro material muito importante dentro do fazer artístico “Multidisciplinar” é considerar o olhar do outro como renovador e resignificante da obra. Para tal é necessário estar atento a construir uma obra com aberturas, sem ter um discurso muito moral e concluído, para provocar a pergunta e o interesse necessário para uma reflexão.

Em 1962, Umberto Eco publica seu ensaio “Opera aperta”(Obra aberta). No qual, sem na época ainda ter em mãos muito material relevante a respeito, ele descobre a obra de arte num movimento potencial e imprevisível, que não permite mais nenhum conceito fixo e nenhuma intuição imutável a seu respeito. A obra (de cuja existência ele ainda partia naquela época) adquire a “capacidade de se modificar à maneira de um caleidoscópio aos olhos do observador” e o faz participar pessoalmente da criação do objeto ou do efeito propriamente estético. (BELTING, 2012)

A arte nos chega através dos sentidos, portões de toda experiência. Até Platão e Plotino reconhecem que, se a arte nos faculta elevar-nos ao superno, os degraus da escola são feitos de matéria dos sentidos. Um haikai zen fala disso sem rodeios: “Botões de ameixeira na primavera: Para realmente conhecê-los, o coração...- Mas o nariz também!” (DEWEY, 2010)

Quando exploro materiais diversos e faço leituras de suas relações, em exposições ao público, tenho o intuito de penetrar diferentes memórias afetivas,

táteis e míticas que cada olhar carrega em seu corpo. Acredito que cada transformação da matéria e cada meio em si traga ao observador a necessidade de mudanças no âmbito perceptivo, ajudando-o a ter uma atitude ativa e a criar mais possibilidades de envolvimento para desenvolver reflexões sobre a proposta apresentada. É também muito especial notar como este livre caminhar pelos meios acarreta em uma energia contínua criativa, pois quando não tenho ideias de executar uma imagem na técnica da gravura, por exemplo, estarei realizando alguma outra ideia que esperava no caderno de anotações, e quando volto ao meio da gravura posso ter sido contaminado através de uma experiência na performance. Esta absorção dos modos operantes da performance vai possibilitar outras maneiras de compor a imagem da gravura influenciado pelas naturezas distintas. Este fato acrescenta no desenvolvimento de novas possibilidades advindas das renovações de primícias artísticas e do desenvolvimento da sociedade como um todo, pois a arte não é uma ciência descolada dos fatos de cada momento contemporâneo a ela.

E foi tecendo esta rede criativa que a performance foi surgindo fortemente em meu imaginário, pois das artes é a única que tem, em sua essência, a condição de ser multidirecional. Costumo definir performance afirmando: A Performance não é! Simplesmente pelo fato deste meio existir nas frestas entre os meios. O corpo é uma vastidão, tem cinco sentidos e assim já nos possibilita uma percepção muito ampla, é nosso reflexo, com toda sua complexidade de vida como matéria, e uma arte feita tendo o corpo como linguagem, não consegue ser menos complexo do que nossa existência. Este corpo, que no decorrer dos séculos assimilou os meios expressivos e sofreu os fatos da história, traz em sua pele a memória, da pintura, do desenho, da escultura, da música, do tempo e do espaço, e vai se comunicar com a ciência, antropologia, política e as questões sociais, vai usar as mídias digitais, tecnologia de ponta ou se submeter a métodos rudimentares para contrapor situações e atingir o propósito dos conceitos a serem atingidos. O corpo é acumulador dos saberes e dos sensores, sedimento da memória e trás a história escrita no presente vivido, e sendo a imagem e matéria principal da operação plástica, vai transgredir o lugar de quem opera, para ser operado ou submetido aos meios, para transmutar as percepções de nosso existir. Sofrendo as dores, sentindo os odores e espalhando, aos olhos de quem está presente, o espelhamento

sensorial atingindo o corpo deste outro através deste reflexo. A performance se vale de qualquer força expressiva, ou das questões da vida, para presentificar rituais efêmeros, onde ele vai nos conduzir a uma afetação, mesclando realidades e operações deslocadas de sua origem e tempo, transmutando energias e matérias para simbolizar, expressar, dizer ou contradizer questões produzidas pelo tempo contemporâneo. Ele vai nos explicitar a necessidade, que estamos sentindo, de estar em constante reconstrução das ideias e presenças, democratizando e ampliando o alcance expressivo da arte.

Hoje vivemos um período onde muitos se tornam aflitos ao observar tanta abertura na lente do campo artístico. A velocidade da vida e dos seus acontecimentos é vertiginosa pois a internet nos permite ter informações globais em tempo real. A comunicação se tornou frenética e evolutiva. O abuso e acúmulo de estímulos sensoriais e informações que recebemos diariamente não são simples de digerir. Ainda não sabemos onde este contexto vai levar nas evoluções de nosso sistema de percepção e inteligência. O século 21 já se caracteriza pelas revoluções sócio-políticas-culturais, em andamento, acarretadas pelos acontecimentos, ainda sem solução, ocorridos no passado e no presente das geopolíticas do poder. A arte neste período não fica isenta desta ebulição e das eminências das catástrofes naturais enunciadas em decorrência das ações do ser humano sobre o planeta, que nos aterroriza. Como alguém pode negar o surgimento do artista “Multidisciplinar” perante o desregramento da vida?

Agora sim, no girar de cada dia, se tornou fundamental a construção de nossa disciplina interna, da escuta do desejo de fala e da potência de foco, de um foco múltiplo, pois nosso sistema já não trabalha em regime redutor e simplificante. O mundo hoje é polidimensional, nossa existência é subdividida em virtualidades reais e digitais, o tempo já está sem tempo e a arte reflete este mundo para que ela possa nos tocar, ser uma ferramenta de fala, de evolução e de percepção da vida.

Referências

BELTING, Hans. **O fim da história da arte**. Cosacnaify, São Paulo, 2012.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Martins fontes, São Paulo, 2010.

Sobre o autor

Marco Paulo Rolla é artista multidisciplinar. Possui graduação (1991) e mestrado (2006) em Artes, pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Nos anos de 1998-1999 fez residência artística na Rijksakademie van Beeldende Kunsten em Amsterdam, Holanda. Atualmente é professor da Universidade do Estado de Minas Gerais - Escola Guignard, atuando na graduação e pós-graduação, ministrando disciplinas de performance e pintura. Coordenador, sendo o criador da disciplina prática de performance nesta mesma instituição. Editor, coordenador e criador do CEIA- Centro de Experimentação e Informação de Arte. Tem experiência na área de Artes, atuando de forma constante em áreas como, instalação, pintura, performance, desenho, música, gravura, cerâmica, escultura, dança, figurinos e cenários. Fez parte de várias exposições coletivas e individuais, no Brasil e no exterior..

marcopaulorolla@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7598541991442978>

Recebido em: 22-11-2023

Como citar

ROLLA, Marco Paulo (2023). O Artista “Multidisciplinar”! Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.4, n.2, 2023 p.XX-XX, jul./dez. <https://doi.org/10.14393/EdA-v4-n2-2023-71541>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.